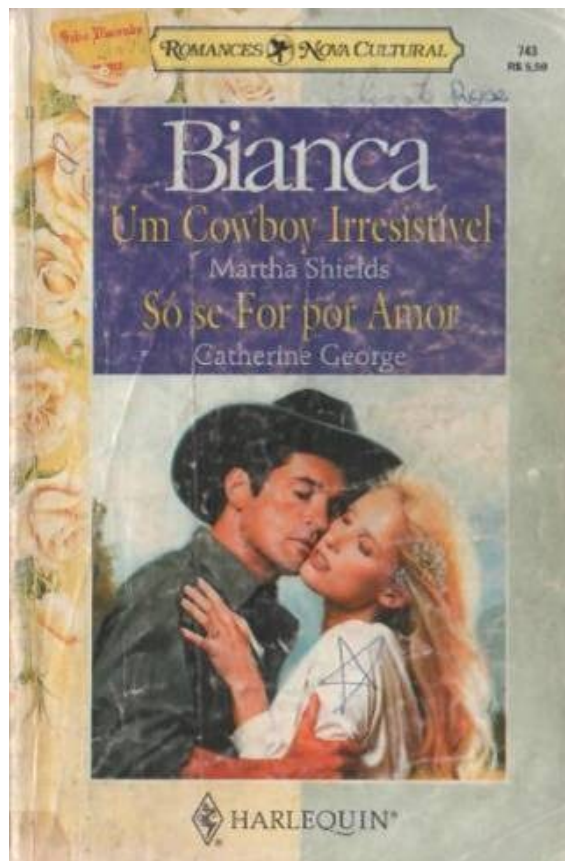


Só se For por Amor

The Baby Claim
Catherine George



Ele queria o bebê, mas... E a noiva?

Nos braços de Dan Armstrong, Joss sabia por que fizera amor com aquele homem na primeira vez em que se encontraram. O poder de sedução daquele estranho apagara a mágoa que ela sentia por ter sido abandonada.

Joss não tinha expectativas com relação a Dan, até descobrir que estava grávida. Dan insistiu para que se casassem, mas Joss não tinha certeza se devia aceitar. Dan a desejava como mulher, agora queria o bebê... Mas será que realmente a queria como esposa?

Digitalização: Tinna
Revisão: Bruna Cardoso

PROJETO REVISORAS

Copyright © 1999 by Martha Shields
Originalmente publicado em 1999 pela Silhouette Books,
divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a
Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.
Silhouette, Silhouette Desire e colofão são marcas
registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas
terá sido mera coincidência.

Título original: The Baby Claim

Tradução: Ieda Moriya
Editor: Janice Florido
Chefe de Arte: Ana Suely S. Dobón
Paginador: Nair Fernandes da Silva

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
CEP: 05424-010 - São Paulo – Brasil

Copyright para a língua portuguesa: 2001
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Fotocomposição: Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO I

Isolada, Joscelyn Hunter escondeu-se atrás do pilar da varanda e desfez o sorriso. Por horas, rira, conversara e circulara entre os demais como uma convidada perfeita. Mas bastava. Comparecer à festa fora um teste. Anna era sua melhor amiga e perder o noivado estava fora de cogitação.

À brisa fria, Joss estremeceu e percebeu que não levava nenhum agasalho. Logo inventaria uma desculpa e iria... Para onde? Para seu apartamento vazio? Ficou olhando a paisagem, silenciosamente revoltada até que uma tosse alertou-a quanto a uma companhia indesejável. Voltou-se desajeitada e viu um homem alto com um cálice em cada mão.

— Eu a vi fugir da festa. — O estranho entregou-lhe uma das bebidas. — Algo me dizia que ficaria contente com isto.

Joss agradeceu de forma impessoal e aceitou a oferta, já que não podia ser indelicada com um convidado de Anna.

— Prefere que a deixe sozinha? — indagou ele, após um longo silêncio.

Joss o encarou. Teve que erguer a cabeça, uma novidade, pois, em qualquer meio, era considerada uma mulher alta.

— Você tem tanto direito de observar o Hyde Park quanto eu
— replicou, encolhendo os ombros.

— Vou interpretar como não. — Ele encostou a taça na dela.

— A que vamos brindar?

— Aos noivos?

Ele aceitou o brinde, mas não bebeu.

— Não gosta de champanhe? — perguntou Joss, estranhando.

— Não. E você?

Ela meneou a cabeça.

— Cá entre nós, detesto.

— Vou guardar segredo.

Joss recostou-se no pilar, surpresa ao constatar que apreciava a companhia do estranho, afinal.

— É amigo de Hugh?

— Não. Sou amigo de um amigo que me arrastou para cá. — Ele apoiou-se confortavelmente contra a outra lateral do pilar.

— Não tome se não está com vontade — acrescentou.

— Só tomei água mineral até agora. Talvez uma dose de champanhe me anime um pouco. — Ela sorveu o líquido como se fosse remédio.

O acompanhante assentiu.

— Entendo.

Joss ergueu o sobrolho.

— Entende o quê, exatamente?

— Eu a estive observando... Percebendo sua linguagem corporal. Ela ficou apreensiva.

— E o que estou transmitindo?

— Que algo não está certo em seu mundo.

— Então você veio me socorrer com champanhe medicinal. — Ela balançou a cabeça, falsamente admirada. — Sempre banca o bom samaritano?

— Não. Nunca.

— Então, por que isso agora? Ele aproximou-se.

— Por vários motivos. Mas, principalmente, porque estou... Curioso.

— Sobre o quê, especificamente?

— O humor por trás dos sorrisos.

— Pensei que estivesse disfarçando bem — disse Joss, amuada, e voltou-se para observar o parque.

— Mais ninguém notou — assegurou o estranho.

— Espero que tenha razão. Anna não precisa de nenhum espectro na festa.

— Anna é sua amiga?

— A mais antiga e mais chegada. Mas está eufórica demais hoje para notar algo errado.

O acompanhante moveu-se até que a manga do terno roçou no braço de Joss. Atônita, ela reagiu com um arrepio.

— Você está com frio — deduziu ele. — Talvez seja melhor entrar.

— Ainda não. Mas, se quiser, pode ir. — Quer que eu vá?

— Não, se preferir ficar — retrucou Joss, indiferente, desejando que o estranho permanecesse. Sob a fraca iluminação, só conseguia discernir a altura impressionante do homem, as feições marcantes e os cabelos pretos. Gostava do que via.

— Tome... — Ele despiu o paletó e o colocou sobre os ombros

dela, envolvendo-a com calor e perfume masculinos. — Ou vai pegar uma pneumonia, só com esse vestido...

Joss riu, levemente sem fôlego ante o gesto íntimo, enquanto ele observava o tubinho de seda preto até os tornozelos, com renda preta na barra e no corpete, de alcinhas frágeis e abertura lateral generosa.

— Ainda não nos apresentamos. — Ele tomou a mão de Joss com firmeza. — Qual é o seu nome?

Joss olhou para as mãos unidas e espantou-se com a própria reação ao toque.

— Não vamos nos dar nomes — convidou ela, após uma pausa.

— Não quero ser eu mesma esta noite. Chame-me de... Eva.

— Então serei Adam. — Ele apertou-lhe a mão formalmente.

— A festa está no fim. Tenha pena de um pobre estranho, Srta. Eva e jante comigo.

Joss encarou-o.

— Pensei que tivesse vindo com um amigo.

— E vim. Mas ele não vai se importar. — Ele inclinou-se para frente. — Qual era o seu plano para hoje à noite?

Joss voltou à atenção para o parque.

— Eu tinha um encontro para esta noite — admitiu sucinta. — Mas ele não apareceu. Daí, meu mau humor. Por isso, Adam, não serei bom companhia num restaurante.

— Então, podemos pedir uma refeição no quarto, aqui mesmo — insistiu ele. — Por favor, Eva.

— Se eu aceitar jantar no seu quarto, você vai achar que aceitarei mais que isso.

— Comecei a observá-la bem antes que viesse à varanda — revelou Adam. — Sei que não é o tipo de garota que vai a festas em busca de aventuras.

Joss devolveu-lhe o paletó.

— Mas, então, você está em vantagem, Adam. Já sabe como sou ao passo que eu nem vi seu rosto direito, ainda.

Ele vestiu o paletó e foi para o meio da varanda. A luz da sala incidiu sobre o rosto forte, o nariz aquilino e a boca larga, bem delineada. As maçãs do rosto eram altas, os cabelos, grossos, e os olhos, bonitos. Com as sobrancelhas erguidas, submetia-se à avaliação dela.

— E então? — provocou, após alguns segundos. — Passei?

Joss enrubesceu.

— Está bem, Adam. Aceito jantar com você — declarou, antes que mudasse de idéia. — Mas não no seu quarto.

Ele sorriu malicioso.

— Então, diga qual é seu restaurante favorito e faço uma reserva. Joss o estudava curiosa. Sem dúvida, se aquele homem pedisse uma mesa em um restaurante, por mais movimentado que fosse, conseguiria. Decidiu dar-lhe um voto de confiança.

— Como já percebeu, não estou no clima de festa. Podemos jantar no meu apartamento... Se quiser.

Ele pareceu em dúvida.

— Você sabe cozinhar?

— Ofereci um jantar, não um prato de chefe — esclareceu Joss. Ele riu e, impulsivo, tomou-lhe a mão.

— Estou encantado em aceitar o seu convite, Srta. Eva. Joss

tentou ignorar a corrente elétrica que acompanhou o toque.

— Vamos indo, então — decidiu prática. — Mas não juntos. Você sai primeiro.

Ele assentiu.

— Dê-me um intervalo discreto para agradecer e me despedir de seus amigos. Estarei esperando no carro, na entrada principal, em vinte minutos.

Sozinha, Joss apoiou-se no parapeito e quase se convenceu de que imaginara o encontro. Olhou rapidamente através da cortina e viu o novo conhecido dominando o grupo ao redor de Anna e Hugh. Muito simpático, admirou-se, mais confiante, e alto demais para ser fruto de uma imaginação fértil. Esperou até ele se retirar e só então deixou o esconderijo.

— Já íamos fazer uma busca, Joss — ralhou Anna, a noiva, indignada. — Onde estava?

— Comungando com a natureza em uma varanda discreta — resumiu Joss, séria.

— Sozinha? — especulou Hugh, o noivo, rindo.

— Claro que não. — Joss bateu os cílios. — De qualquer forma, devo me apressar... Um jantar a dois me aguarda. Obrigada pela festa maravilhosa. Até mais. — Joss abraçou Anna, beijou Hugh no rosto e circulou rapidamente pela sala, despedindo-se.

No hall de entrada, tomou o elevador e chegou ao saguão do hotel. Fora, um funcionário abriu a porta do carro que a aguardava.

— Está atrasada — grunhiu Adam, impaciente, enquanto ela se acomodava no banco a seu lado.

— Desculpe-me. Não consegui sair antes. — Relutante Joss

informou seu endereço, desejando que não estivesse cometendo um equívoco colossal.

— Estava começando a achar que você tinha mudado de idéia
— comentou Adam, conduzindo o carro.

Ele quase acertara.

— Nesse caso, eu teria mandado um bilhete.

— Ah, uma mulher de princípios!

— Tento ser.

Alvo de um olhar de Joss, Adam defendeu-se:

— Entendi Eva, alto e claro.

— Ótimo. O que aconteceu com seu amigo, aliás?

— Quando contei que ia jantar com uma mulher sensacional, ele me dispensou com uma bênção.

Joss riu.

— Vocês evidentemente são velhos amigos.

— Conhecemo-nos desde sempre.

— Como eu e Anna. — Ela suspirou. — Só espero que Hugh a faça feliz.

— Há motivo para achar que não?

— Não que eu saiba. Eu gosto muito dele.

— Então é no casamento em si que não confia?

— Não exatamente. Mas Anna está tão certa de que serão felizes para sempre... Só que muitos casais não conseguem.

— Deixe a sua amiga para o noivo encantado e concentre-se em si mesma, Eva.

— Obrigada pelo conselho.

Conversaram sobre amenidades até chegar a um edifício de apartamentos moderno integrado harmoniosamente à

vizinhança vitoriana de Notting Hill.

— Moro no sexto andar — informou Joss, apreensiva quando a porta do elevador se fechou, isolando-a com seu acompanhante alto e forte.

Adam franziu o cenho.

— Não se sente confortável com isso, não é?

— Não totalmente — admitiu ela. Ele encolheu os ombros.

— Nesse caso, só a acompanharei até a porta de seu apartamento e irei embora.

Joss alarmou-se.

— Claro que não — discordou. — Eu o convidei para jantar e vamos jantar. — Encarou-o, interrogativa. — Ia mesmo só me acompanhar até a porta?

— Se você quisesse, sim. Mas com grande pesar. — Ele lhe apertou a mão, reconfortante. — Sou um homem de palavra, Eva.

— Se não acreditasse nisso, eu não o teria convidado para vir aqui. No apartamento, atravessaram o saguão, passando pela porta fechada de um quarto. Joss acendeu as luzes da sala, com amplas janelas que davam para um jardim descomunal. O ambiente espaçoso tinha estantes cheias de livros e um par de luminárias de latão. Completando a decoração, só um sofá pequeno e um almofadão.

— Por favor, sente-se — convidou Joss. Meio vazia ou não, a sala parecia bem menor que o normal com o homem ali de pé feito um farol. — Vamos ter um bom jantar, pois fiz compras no supermercado hoje. Mas não estava esperando visitas e só posso oferecer vinho tinto... Ou uísque.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

